

Apontamentos (intencionalmente) vagos sobre um percurso no início dele próprio

A propósito de um prefácio que Poppy Z. Brite lhe pedira, escrevia alguém (cuja escrita aprecio particularmente) que seria provavelmente o último que ela necessitaria, uma vez que o futuro lhe dispensaria qualquer apresentação. E não temo escrever o mesmo a propósito de Ana Catarina Sousa. Ainda que o futuro pertença sempre não se sabe bem a quem, se ao próprio se às condicionantes que o fazem outro.

Há pouco tempo foi, talvez por isso a imagem seja forte e dela guarde invulgar nitidez: na primeira fila da inefável Cave D da Faculdade de Letras de Lisboa, uma rapariga muito jovem costurava palavras ao mesmo tempo que eu, por dever de ofício, falava sobre a origem do Homem, sobre predestinados caçadores recolectores *et j'en passe...* Por «costurava» quero dizer que escrevia de uma forma peculiar, como nunca tinha até então visto e depois também: escrevia com a esferográfica na vertical, picando literalmente o papel e produzindo um ruído inconfundível. Outro doido de História, pensei, o que era sem dúvida um elogio, a tal ponto têm sido sábios e ajuizados os fiéis de tal crença em anos imediatamente passados.

Com surpresa, reencontrei a escritora maquinal na lista dos escavadores inscritos para a Torre do Esporão, em Reguengos de Monsaraz, e com maior surpresa a vi escrever o melhor Caderno de Campo de que tenho memória. Preciso, exacto, detalhado, sem excessos, sem o género de psico-História que tanto irrita a tutela, quando avalia os meus próprios textos, sejam eles em português ou catalão.

Apesar de ter nascido, como se sabe, em Kuala Lumpur, terra de adivinhos, uma indesejada estadia no Ocidente destroçou a minha sólida formação divinatória e desviou-me para o mais repelente positivismo, de onde muito provavelmente nunca serei capaz de recuperar. Ainda assim, conservei alguns vestígios das minhas capacidades de outrora e previ, sem riscos e com razão, êxitos certos na carreira da notadora caderno campista. E caí no erro de lho dizer. No ano seguinte, tinha passado de História para Arqueologia e iniciava uma carreira de campo notável: de novo Torre do Esporão, mas sobretudo a longa saga de OP2, a anta 2 do Olival da Pega.

Concluída a licenciatura com brilho, seguiu-se o Mestrado, onde, com este mesmo trabalho, obtive *Muito Bom* e a rara menção distintiva: *com as especiais felicitações do Júri*. A sua tese de mestrado, que dirigi e ajudei a rever, entre a Lisboa da UNIARQ e do *scanner* do Instituto de Arqueologia e Paris, numa missão sobre talhe da pedra onde se observou o sílex do Norte da Europa, os terraços do Sena (ou o que resta deles junto a Notre Dame...), os núcleos talhados por percussão indirecta ou por pressão peitoral, teve o título que está na capa de este livro e um capítulo, 8 de seu número, que é dos textos mais brilhantes que já se escreveram sobre a Península de Lisboa.

A Ribeira de Cheleiros, escolhida aqui como objecto, é-o de uma forma quase pós-processual. É uma horrível linha de água, atravessando o sertão mafrense que tanto impressionara já Estácio da Veiga, não fora as orquídeas e outras raridades exóticas. A sua utilidade em irrigação é anedótica, a benfeitoria que provoca aos terrenos é mínima e perguntei-me várias vezes se, num acto misericordioso de preservação ambiental, ela não deveria pura e simplesmente ser suprimida.

E, no entanto, as pequenas coisas, até mesmo as aparentemente desprezíveis, são por vezes importantes, têm significados, como os traços ou os riscos numa imagem antiga, têm uma história e, mais frequentemente do que se supõe, participam através do tempo longo na construção do devir, são actores, para além de espectadores. Até mesmo a Ribeira de Cheleiros. E a leitura perspicaz e delicada de Ana Catarina Sousa mostra-o com uma nitidez impressionante.

Este livro estrutura-se de uma forma transparente: após um ponto zero chamado «Nas margens da Ribeira de Cheleiros: o artificialismo ponderado», oito capítulos e uma Bibliografia. 1: artefactos e contextos; 2: o espaço da bacia hidrográfica do Ribeira de Cheleiros; 3: uma introdução à história da actividade arqueológica na área em estudo; 4: modalidades de ocupação do espaço; 5: cultura material; 6: sítios de habitat e espaços do sagrado; 7: os tempos do espaço de Cheleiros; 8: fim. Um bloco de «Anexos» inclui fichas de sítio, com descrições pormenorizadas referindo tanto a implantação dos sítios como as amostras artefactuais.

A excelente cartografia, uma das linhas construtivas da Arqueologia da Escola da UNI-ARQ, está aqui presente com magníficas representações da área em estudo, através de tratamentos digitalizados que conferem grande precisão às representações. Essa maneira de olhar, ensaiada no Alto Algarve Oriental e no Alentejo médio, resulta de uma forma que não será exagerado considerar a única adequada às leituras do espaço pretendidas e adquiridas com os novos olhares em Arqueologia.

Se alguns dos materiais arqueológicos podem parecer insuficientes, tal reforça ainda mais a qualidade de quem os interpreta, num contexto, a Península de Lisboa, onde recentemente só os continuados esforços de João Luís Cardoso contrastam com a mediania ou mesmo a mediocridade das análises que partem de informações descontextualizadas ou mal compreendidas para pseudo-sínteses amorfas ou distorsoras da realidade, seja ela o que tiver sido. E de novo há que referir o capítulo 8, onde a elegância da escrita é apenas a carapaça que envolve uma análise subtil e admiravelmente construída. De OP2 e da Ribeira do Álamo à Ribeira de Cheleiros (e de novo à Ribeira do Álamo), o percurso está apenas no início dele próprio.

O Lexim espera agora Ana Catarina Sousa e todos sabemos que valeu a pena esperar. Mas, estou certo, Reguengos de Monsaraz, onde começou, continuará, para ela, ponto âncora até mesmo num futuro em que já não serei muito, perdido pelos pequenos caminhos solitários junto ao Guadiana, esperando o sinistro momento em que as árvores sejam cortadas e afogados ou em fuga os pequenos animais da planície transformada em charco pelo Alqueva, o grande elefante branco da democracia, apagador líquido de terras e gentes, pequena e ilusória esperança nem se sabe de quem e porquê.

Nesses momentos, no regresso de Xarez 12, no pátio da casa que foi de Pires Gonçalves, acendo o meu *Mastro de Paja* ou, em alternativa, um *Cohiba exquisito*, e sinto o tempo correndo depressa. Lá longe, algumas vozes amigas chamam-me, por vezes, e recordam-me que o caminho não foi só pedra e lama. Não gosto de dizer obrigado, mas também isso lhes devo, por terem, como a Ana Catarina, acreditado em mim e feito comigo parte da viagem.

Reguengos de Monsaraz, Verão de 1998
Victor S. Gonçalves